

se desesperar ao saber da notícia. “Ele? Como?”, se questionava. “Às vezes, a criança não se abre conosco. Como perceber?”.

O suicídio é a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no mundo, atrás apenas de acidentes de trânsito. A cada 40 segundos uma pessoa tira a própria a vida e 79% dos casos se concentram em países de baixa e média renda. Os dados fazem parte de um novo relatório da OMS (Organização Mundial da Saúde), divulgado em setembro deste ano, mês da campanha de prevenção ao suicídio.

A organização estima que cerca de 800 mil pessoas por ano morrem por este motivo - os números do relatório são referentes a 2016. No Brasil, em 2017, foram registrados 80.352 casos, segundo o Ministério da Saúde. A pesquisa aponta ainda que as principais formas de cometer o ato são enforcamento, envenenamento e uso de armas de fogo.

Outro número alarmante é referente à automutilação. Estima-se que entre 2011 e 2018 foram notificados 339.730 casos de violência auto provocada no país. Destas, 33% foram consideradas tentativa de suicídio. Do total das ocorrências, 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos, sendo 103.881 (67,3%) mulheres e 50.388 (32,7%) homens.

Segundo a professora, houve um ano em que muitos alunos surgiram com “arranhões” no braço. E, na verdade, fazia parte de uma brincadeira entre os estudantes. “No início, o colégio abordava com mais tranquilidade esse assunto. Entretanto, casos de automutilação foi ganhando corpo, cada vez mais adolescentes participando disso. Então os cortes que eram no braço passaram para outros membros”.

Pais e mestres nem sempre têm a sorte de identificar que o jovem está precisando de ajuda. Às vezes, o problema é muito bem mascarado pela criança e pelo adolescente. É o caso dos suicídios que ocorreram nos últimos meses com alunos das escolas de São José. **OVALE** apurou que, ao menos dois colégios

sofreram com acontecimentos dessa natureza só no início de outubro.

OLHOS E OUVIDOS ATENTOS.

Kátia* concorda com a colega de profissão. Lecionando também em São José, a professora contou que um de seus alunos do 8º ano do ensino fundamental, sempre teve dificuldades de aprendizagem e era muito calado. “Amigos próximos compartilharam comigo que ele sempre falava em querer tirar a própria vida. Então, ao fim de uma das aulas, após muita insistência minha, o jovem contou os problemas que vivenciava em casa com casos de abuso de álcool e constantes brigas”.

Informado, o colégio tentou conduzir o caso da melhor maneira. O rapaz

foi encaminhado para a orientadora educacional e foi realizada uma reunião com os pais para debater as ocorrências. “O aluno ainda vive momentos complicados. Mas, hoje, é mais aberto a dividir seus sentimentos, principalmente comigo”, disse a professora.

Para ela, de uns anos para cá, professores têm ganhado mais essa função: a de ouvinte e mediador de conflitos. “Essa é uma responsabilidade dos pais, mas não dá para ignorarmos e fecharmos os olhos para aquilo que acontece com as nossas crianças”.

Para o pesquisador do Departamento de Psiquiatria da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), Pedro Pan, as escolas enfrentam um verdadeiro desafio. “Os colégios são muito sobrecarregados

Nove a cada 10 casos de suicídio poderiam ser evitados, segundo a OMS

